

HISTÓRIAS DE UMA ANTIGA RELAÇÃO: PSICANÁLISE E CULTURA – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS TRABALHOS DE RENATO MEZAN

STORIES OF AN OLD RELATIONSHIP: PSYCHOANALYSIS AND CULTURE - A LITERATURE REVIEW OF THE WORK OF RENATO MEZAN

OLIVIEIRA, D.D.¹ ; EMIDIO, T.S.²

Resumo: Este trabalho pretendeu, fazer uma revisão bibliográfica das obras de Renato Mezan sobre a relação estabelecida entre psicanálise e cultura. Esta temática tem sido foco de grandes discussões na contemporaneidade e um dos pontos desenvolvidos em pesquisas, que visam a ampliação da esfera de atuação do saber psicanalítico. Renato Mezan, psicanalista e pesquisador, desenvolveu vários trabalhos sobre a presente temática e trouxe importantes contribuições para os estudos desta relação. Desta forma, apresentamos uma revisão de sua literatura e uma discussão sobre alguns de seus trabalhos que refletem sobre esta antiga relação.

Palavras Chave: Psicanálise, Cultura, Renato Mezan.

Abstract: This study sought to do a literature review of the work of Renato Mezan on the relationship between psychoanalysis and culture. This topic has been the major focus in contemporary discussions and one of the points developed in research aimed at expanding the sphere of action of knowledge psychoanalysis. Renato Mezan, psychoanalyst and researcher, has developed several studies on this subject and brought important contributions to the studies of this relationship. Thus, we present a review of their literature and a discussion of some of his works that reflect on this old relationship

Keywords: Psychoanalysis, Culture, Renato Mezan.

INTRODUÇÃO

A interlocução da Psicanálise com a Cultura tem se configurado como um campo de grandes discussões na contemporaneidade. Este trabalho faz parte da revisão bibliográfica do projeto de Iniciação Científica que tem como objetivo trabalhar com esta temática. O projeto de iniciação científica encontra-se em desenvolvimento, apresentaremos aqui apenas uma revisão de literatura sobre a relação da Psicanálise com a Cultura.

O presente trabalho se mostra relevante, pois se situa em uma posição de ampliação da esfera de aplicação do método psicanalítico, sendo este um fator que confere interesse ao trabalho, pois sabemos que a ampliação da aplicação da psicanálise é fator de discussões e problematizações dos últimos anos. Assim, apresentamos como parte inicial da pesquisa, que ainda está em fase de estruturação, uma revisão da bibliografia que trata da presente temática, recorrendo então às obras de Renato Mezan,

¹ Danila Duarte de Oliveira, aluna do curso de graduação em Psicologia das Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO

² Thassia Souza Emídio – docente do curso de Psicologia da FIO (orientadora).

psicanalista referência em trabalhos que buscam a ampliação desta esfera de atuação.

DESENVOLVIMENTO

É de suma importância pensar na contemporaneidade o contexto ao qual a Psicanálise está inserida e refletir sobre as suas perspectivas. Até mesmo a Viena de Freud não é a mesma Viena do século XXI, mudando as datas e imaginando que Freud nascerá nos dias de hoje, certamente sua teoria teria algo a ser acrescentado ou descartado. Porém o que é certo dizer é que somos seres constituídos de valores culturais da época em que estamos inseridos e é com estes valores que acabamos nos construindo enquanto sujeitos.

E pensando nisso que muitos analistas continuaram esta pesquisa sobre a psicanálise, e hoje temos teóricos que dizem coisas distintas porém todas sobre um olhar psicanalítico. Com a evolução da sociedade e das reflexões do posicionamento do homem nesta é que foi possível constituir novas linhas de pensamento, e podemos nos questionar que se não tivesse ocorrido dessa forma após a morte de Freud teríamos também a morte da Psicanálise? Podemos dizer que este fundador é hoje nosso horizonte e nosso primeiro passo para esta incrível ciência que estuda o inconsciente.

Dizem os biólogos que, em virtude da sua péssima aerodinâmica, o besouro seria incapaz de se levantar do solo; mas, como desconhece as leis da física, o bicho continua a voar... Algo semelhante acontece com a psicanálise: apesar das declarações retumbantes sobre sua “morte” ou sua “superação” - que se sucedem monotonamente desde o início deste século -, a disciplina freudiana continua viva e fecunda. Contrariamente ao besouro, porém, os analistas tomam conhecimento das críticas à sua prática e à teoria que a fundamenta (MEZAN,1998, p.1)

A expressão “pesquisa em psicanálise”, trata-se de uma disciplina que, em seus quase cem anos de existência, acumulou uma quantidade de conhecimentos sobre seu objeto, o inconsciente. É certo dizer que estes conhecimentos foram obtidos através de algum tipo de pesquisa, de horas e horas de estudos e leituras. Por outro lado esta afirmação causa certa hilaridade nos que já possuem alguma noção do que é psicanálise, pode parecer algo desnecessário. Porém se não houvesse constituído pesquisadores nesta área após a morte de Freud aconteceria também a morte da psicanálise.

Em 1919, Ferenzi solicita a Freud que escrevesse um artigo sobre a importância do ensino da psicanálise nas universidades e Freud descreve que tal importância seria para que os estudantes tivessem o conhecimento da psicanálise e delineia algumas modalidades para a transmissão desse conhecimento, uma para a introdução à psicanálise para estudante de humanas e outros para estudantes de psiquiatria.

Como Mezan(2005) relata em seu livro *A Sombra de Don Juan e outros ensaios*, um pesadelo assombrava as noites de Freud: que a psicanálise acabasse por ficar restrita a uma especialidade terapêutica, nas mãos dos médicos, ou viesse a se converter naquilo que Philip Rief chamou de “uma sutil ideologia da salvação pessoal”, nas mãos dos sacerdotes-ordenados pelas religiões instituídas ou não. Ainda não havia a profissão de psicólogo clínico quando o texto *Die Frage der Laienanalyse*, em 1926 foi escrito, a psicologia nessa época era uma disciplina acadêmica infiltrada pela filosofia.

Mezan (2005) coloca que o título do libelo de Freud, poderia induzir a engano, o *Leaie* (leigo), do ponto de vista da medicina, é aquele que a pratica sem a ter estudado na Universidade, mas do ponto de vista da psicanálise é aquele que posa de psicanalista sem ter passado por uma formação adequada, e principalmente sem ter vivido a experiência de uma análise pessoal.

Sendo assim, poderia haver médico diplomados, porém leigos em psicanálise, enquanto o psicanalista que tivesse sido habilitado conforme as regras da profissão poderia ser oriundo de qualquer outra faculdade, além da de Medicina, ou seja, um psicanalista poderia ser dotado de qualquer outra formação universitária pois quando passasse a exercer a psicanálise tal formação seria irrelevante para determinar a qualidade do seu trabalho clínico e eventualmente teórico. Mezan (2005) defende a idéia de que as Universidades só tem a ganhar com a inclusão da psicanálise em sua grade curricular.

Com finalidade de familiarizar-se com a dinâmica da vida psíquica e com os aspectos clínicos terapêuticos da psicanálise, a universidade era assim pensada por Freud (1919) como um canal de divulgação, porém para âmbito de uma prática clínica o lugar teria de ser o consultório.

É interessante pensarmos como isso se reflete no contemporâneo. Em 1968, Laplanche fala que a psicanálise na universidade não é apenas um canal para se propor uma formação do analista, existe uma imensa literatura psicanalítica, que o estudante terá de confrontar-se.

O primeiro passo a ser dado segundo Mezan (2005) seria o de conhecer o que existe dentro de determinada disciplina, isso vale para as abordagens não analíticas também. O segundo passo é quando o estudante acumula noções pertencentes a diversas épocas e a diversas escolas.

Mezan (2005) relata em seu livro que quase setenta anos depois de publicado o texto de Freud, poderíamos dizer que embora exista faculdade de psicologia em quase

todos os países, a freqüência a estas instituições prepara tão pouco uma pessoa para ser psicanalista quanto o currículo médico que Freud considerava desnecessário para esta finalidade. Não porque as faculdades sejam ruins, pode ser que uma ou outra até seja, mas porque no espírito de Freud a psicanálise não era fundamentalmente uma prática terapêutica.

O autor também coloca que poderíamos certamente dizer que a psicanálise comportava uma prática terapêutica, mas comportava também uma teoria geral do ser humano, do seu indivíduo e da sua inserção na cultura. E sendo assim, a psicanálise, para seu fundador, não poderia se limitar à práticas terapêuticas. Freud acreditava que o método psicanalítico era um instrumento valioso para compreender as formações culturais, e dedicou boa parte de sua obra a empregá-lo desta maneira.

Laplanche (1986), enuncia que uma pesquisa deve ser retomada nos níveis históricos e críticos, da evolução do pensar freudiano. Sendo assim cai por terra a idéia de que a universidade tem que se limitar ao papel que a designava ser apenas um lugar de descobertas e passa a ser então um lugar onde a psicanálise torna-se objeto de debate e críticas.

Caímos aqui no viés da cumulatividade, o problema disso seria que para algumas pessoas a idéia de que um pensar psicanalítico seria diferente de outro pensar psicanalítico, originando-se a todo o momento o objeto da psicanálise. Porém seu objeto continua sendo o mesmo sempre, o inconsciente e suas leis, por exemplo, Freud, Melanie Klein, Lacan, não dizem a mesma coisas mas dizem coisas suficientemente parecidas entre si, tanto é que os consideramos trabalhadores do mesmo campo, o da psicanálise; e com isso podemos afirmar que dizem coisas altamente diferentes do que dizem Skinner ou Koffka, não sendo assim a psicanálise confundida com o behaviorismo ou com a gestalt.

Assim, para estes e outros psicanalistas se constituí modos de apreensão do inconsciente que revela novas regiões. Para se entender melhor esta afirmação podemos compará-la com o exemplo que Mezan(2005) traz:

Também em matemática, uma potência não é idêntica a um ângulo, uma matriz é coisa diferente de um co-seno ou de um número irracional, mas são todos 'entidades matemáticas'. Assim, o id, a angustia depressiva ou a relação especular são entidades psicanalíticas.(Mezan, 2005, p.107).

Aqui podemos ver novamente a questão da cumulatividade e concluímos que mesmo num sentindo linear, sem forma pura, nem mesmo nas ciências exatas, estas entidades se pressupõem umas às outras, a descoberta de uma delas ou até mesmo sua

construção não seria possível sem que os predecessores tivessem realizado seu trabalho. Mezan(2005) usa o termo predecessores sem querer dizer que as idéias de Melanie Klein seriam impossíveis sem as de Freud, ou as de Lacan impossíveis sem as de Freud e de Klein, mas também que Freud é predecessor de Freud e Klein de Klein.

A psicanálise 'aplicada' não goza de boa reputação: acusam-na de reproduzir tudo o que os homens são, inventaram e produziram meia dúzia de formulas de bolso, mediante as quais tudo se transforma em soluções mais ou menos felizes para o complexo de Édipo. Não respeitando a especificidade do produto cultural sobre o qual se debruçam, reduzindo o que lhes passa pela gente a sintomas ou a sublimações, sabendo de antemão qual o resultado a que conduzirá seu estudo, os psicanalistas seriam abelhudos e grosseiros; seu instrumento, que julgam preciso e afiado, seria uma tosca ferramenta digna de neolíticos do saber. (Mezan,2005,p.188).

Mezan (2005) ainda em seu livro sobre o estudo que fez de um artigo onde dá notícias sobre alguns teóricos (psicanalista e não-psicanalistas) que deixam de lado as explicações universais e trabalham com os dados respeitando a finura de sua configuração demonstrando que a perspectiva psicanalítica pode produzir resultados extremamente interessantes. Neste artigo, demonstram o quanto a disciplina inaugurada por Freud funciona como lente ou como horizonte, são escritos heterogêneos, cada qual focalizando seus temas nem sempre diretamente ligados um ao outro.

A criação da Psicanálise e sua prática está sujeita a princípios éticos e culturais, o autor vai além destas constatações e encontra outros pontos de contato entre estes campos e mostra durante uma conferência realizada em março de 1995 na PUC de Belo Horizonte que há três aspectos da ética que podem interessar à psicanálise: a incidência dos valores morais sobre a personalidade de cada indivíduo; o vínculo entre estes valores e a sociedade na qual surgem; e os problemas éticos que a prática clínica pode colocar para o analista.

O primeiro aspecto, mostra-se como foco de interesse de Freud que iniciou seus estudos observando pacientes histéricas e pode assim fundar a Psicanálise. A histeria na época era tachada de "frescura", pessoas que apresentavam essa "doença" apresentavam comportamentos estranhos, sintomas incompreensíveis do ponto de vista da medicina, na medida em que não havia aparentemente nenhuma razão para que alguém ficasse cego de repente, tivesse uma parte da perna paralisada, e assim por diante. Quando se fazia o exame dessas partes do corpo, não surgia nenhuma lesão visível, nenhum problema funcional, e, no entanto o olho não enxergava, a perna não andava.

Freud inicia então em seus primeiros anos de estudo uma investigação sobre estes

sintomas e o porquê deles aparecerem. Assim acaba criando um método de trabalhar com estes pacientes – nasce a psicanálise, tendo a idéia de deixar as pessoas falarem livremente a respeito do que acontecia e buscando nessa fala elementos que pudessem dar uma pista sobre a origem, o motivo e o sentido desses sintomas.

A princípio, a psicanálise se apresentava como uma parte da medicina, o que soava um pouco estranho principalmente naquela época, pois seria uma parte da medicina que não toca o corpo, ou seja, não trabalha diretamente com o corpo. Porém é um trabalho destinado a curar pessoas ou solucionar sintomas de outra forma não abordáveis. Contudo, Freud não se limita a desenvolver um método de pesquisa, e eventualmente de tratamento. Sua investigação destinava-se em tentar compreender a psique humana e como tais sintomas e comportamentos incompreensíveis possam ocorrer.

Voltando aos finais do século XIX, podemos ver que não existia o que hoje chamamos de psicologia clínica. Esta é uma invenção de Freud. O que se tinha por psicologia estava mais perto da tradição filosófica de estudos sobre a alma humana e do que viria a se transformar na psicologia experimental. Wundt em seu primeiro laboratório de psicologia media sensações, percepções, e outros fenômenos semelhantes, porém ele também propunha um outro tipo de trabalho, a que chamava psicologia dos povos, ou seja, o que atualmente chamamos hoje de psicologia social, tentando compreender manifestações coletivas como a religião, os costumes, as crenças, os valores, etc.

Toda essa ambição era para construir uma ciência do homem, porém os métodos eram muito incipientes. De um lado havia interesse por fenômenos coletivos, não muito distintos da filosofia e, por outro lado, métodos de medicação e avaliação do funcionamento psicofisiológico.

Freud vem inventar a situação analítica, decidindo que suas pacientes histéricas, acusadas de serem fingidas e mentirosas, de sofrerem apenas de “chilique”, têm o direito de falar, e leva a sério o que elas dizem, mesmo que parecesse absurdo ou não tivesse nada a ver com o problema que as tinha trazido até o seu consultório. Freud se dá conta que as pessoas, ao falarem livremente, dizem muito mais do que imaginam estar dizendo. E descobre então o *inconsciente*, termo chave de todas as construções teóricas dentro da psicanálise, e em consequência a técnica da associação livre.

Contudo a cultura da época em que Freud vivera era um tanto quanto muito diferente da que hoje nós vivemos, e este psicanalista teve algumas dificuldades para introduzir essa nova ciência que acabava de nascer através de suas longas e dedicadas

horas de estudos.

Após a teoria da histeria vieram outras e todas com a mesma intensidade de estudo do ser humano e a mesma preocupação cultural na qual o pai da Psicanálise se encontrava. A idéia sobre os sintomas neurótico fica no horizonte até que Freud se dedique a construir uma teoria capaz de dar conta do que havia por de traz desses sintomas.

Percebe-se então que a vida sexual das pessoas no fim do século XIX é motivo de grande infelicidade, a qual aparece sob manifestações como impotência, frigidez, sintomas histéricos ou obsessivos, fobias e outras condições não muito agradáveis. E com frequência, é exatamente o sexual que se encontra na posição de ser recalcado; de alguma maneira, depois de recalcado estes sintomas outros efeitos continua a serem produzidos a partir do inconsciente. Ou seja, Freud se dá conta de que as normas culturais e sociais atravessam as pessoas; nosso comportamento é certamente governado por aquilo em que acreditamos, mas aquilo que acreditamos vai muito além do que nós mesmos poderíamos saber.

Freud constata que a grande maioria das pessoas não suporta essa quantidade de privação sexual, e acabam adoecendo, na medida em que os desejos sexuais não-satisfeitos, incapazes de obter satisfação direta ou sublimada, acabam funcionando como combustível para a formação dos sintomas neuróticos. O psicanalista não pode fazer grande coisa quanto a isso, a não ser alertar, como crítico social ou cultural, para o fato de que nós não somos feitos de maneira a suportar uma moral tão puritana.

O autor coloca que tais desejos sexuais não são especificamente o ato sexual, ele mostra que a atividade sexual na verdade não se restringe aos órgãos genitais e muito menos ao período que começa com a adolescência e com a maturação dos hormônios; pode ser chamado sexual tudo aquilo que produz um prazer supérfluo, por exemplo, para um bebê que chupa o dedo. O dedo acaba substituindo o peito da mãe, quando o peito não está disponível o bebê chupa o dedo, porem ele não tem a noção de que aquele seio pode ser também um objeto de prazer erótico.

Como já foi dito, a psicanálise de Freud teve muitas resistências da oposição que não aceitava suas teorias, principalmente a teoria da sexualidade infantil. E como acontecia sempre uma constante evolução de seus estudos, outras teorias foram surgindo deste psicanalista que se tornava de certa forma um incômodo para àquela sociedade de Viena, porém Freud, como coloca Mezan(1998), era muito sensível ao aspecto coercitivo das regras morais e das normas sociais. Quando diz que a cultura repousa sobre a

coerção das pulsões – o superego proíbe aquilo que os desejos desejam – esta tendência fica bem nítida.

CONCLUSÃO

Para conclusão deste estudo e de nossas reflexões sobre a relação da psicanálise com o contexto cultural, as normas e princípios culturais e sociais que norteiam a criação do saber psicanalítico, gostaríamos de relatar sobre um discurso onde Mezan(1998) diz que os analistas que vieram depois se deram conta de que essas regras e normas não têm só um papel coercitivo e privativo, mas que são também essenciais para a construção da personalidade e do funcionamento mental. De certa forma se não tivermos algum tipo de limitação, ou seja, o que para a psicanálise seria usado o termo castração, o funcionamento mental se vê impedido de se desenvolver, e passa de alguma forma a girar em círculos sobre si mesmo. Assim o limite se torna algo que além de nos impedir de, será também aquilo que nos faculta para.

A todo momento estamos inclusos em um determinado contexto histórico e de certa forma acabamos instituindo certos valores, normas e regras geradas por esta época e assim podemos evidenciar a clara influência da cultura na formação do pensamento psicanalítico e deixar claro também a importância das releituras de textos psicanalíticos, pois a todo momento estão acontecendo coisas que modificam estes valores nos levando a momentos distintos uns dos outros, como por exemplo, Viena nunca mais foi a mesma após as novas teoria freudianas, e estas mesmas teorias quando acrescentadas, relidas, permitindo produção de novos saberes de acordo com a sua época possibilitam a continuidade da psicanálise, como forma de conhecimento e busca de compreensão sobre o sujeito e sua constituição.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1919) **Sobre o ensino da psicanálise nas universidades**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas De Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MEZAN, R. **Que significa “pesquisa” em psicanálise?** In: MEZAN,R. A Sombra de Don Juan e outros ensaios. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

_____. **A psicanálise na cultura**. In: MEZAN,R. A Sombra de Don Juan e outros ensaios. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

_____. **Psicanálise e Ética**. In:MEZAN,R. Tempo de Muda: Ensaio de Psicanálise. São Paulo. Companhia das Letras:1998.